

Pastorinhas... Pastorinhas...¹

Conto de Waldemar Henrique²

Os bons tempos da borracha a libras d'ouro já haviam passado, é certo, mas Belém do Pará continuava nadando em progresso.

Estamos em 1912....

Os navios da *Both Line* entram de Liverpool e Havre abarrotados de preciosas cargas para nós.

Levam daqui coisas brutas e quase inúteis ao nosso sistema de vida: carços, toros de pau, couros e essa inesgotável *havea* que a concorrência do Ceilão desgraçadamente rebaixou. Felizmente, (dizem por ora), que o plantio lá é *transitório*. Isto nos salva e reanima a esperança de melhores preços.

A França e a Inglaterra são gentis em nos comprar aquelas coisas brutas e eis que nos mandam filós, cartolas, perfumes, polacas, *champagnes* e ricos leques de abanar.

Assim, Belém do Pará nada em progresso; tem sua ópera, suas touradas, seus salões e quadrilhas. A elite masculina de flor à lapela, mesmo hipotecando terras, brilha no *Moulin Rouge*.

Nossa vida é uma exposição permanente de novidades e formosuras contaminadas de civilização afoita: falências e banquetes.

Há milionários de um dia. O Acre os faz. Foi então que tia Caru de repente melhorou. Era vista em toda parte num turbilhão de plumas e laçarotes. Seus quatro filhos também. Dois deles, os menores, por amor de pastorinhas meteram-se nas "Belenitas". Pelo Natal era costume em certas casas de *meia-tigela* encenarem-se presépios com meninos e meninas do quarteirão. E ganhavam dinheiro com o negócio. Quando tia Caru soube escandalizou-se fortemente e foi buscar os filhos, zangada. Na volta, disse ao marido:

- "Eles têm razão, é uma beleza!"

Nasceu imediatamente o grupo pastoril "Filhas de Flora".

Reuniram os amigos, pegaram a sinhá pro piano, abriram paredes, caíram, puseram alçapão, escada, mais entrada, mais saída, cortinas, céus e o presépio.

A notícia correu na roda dos ventos.

As "Belenitas" sobressaltaram-se porque o jornal dizia que dona Caru mandara buscar as vestimentas em Paris. E foi mesmo; até nas sandálias do pastor lia-se - "*Grands Magazins du Louvre*".

A estréia foi retumbante. O povo entupiu o *chalet* da senhora. Treparam nos móveis, nas janelas, no colo dos pais (os miúdos). Tia Caru, tonta e esgotada, mal podia dar conta do recado. Dinâmica e vaidosa, beliscando aqui, ralhando ali, conseguiu de portas fechadas pintar, vestir e encaracolar todo o cordão.

Uma zuada febril da orquestra marcou e entrada das pastoras em viravoltas, duas a duas.

Confusas entre tantas lantejoulas e flocos de arminho, passam e repassam vibrando pandeiros, cantando, abrindo caminho para Jerusalém:

*"Lá no céu brilhou a estrela
que esplendor a noite tem;
vamos, lindas pastorinhas
a caminho de Belém"*

As boas sucedem-se:

Vem a Florista mimosa, depois os zabumbas engraçados. A seguir, o assassinato: uma das pastoras jura ter visto o anjo em sonhos, mas a cigana (a rica) não acredita na mediunidade da pastorinha e ainda por causa de certo pastor que a segue, espera a "deixa" e crava-lhe o punhal de borracha no peito.

Ursulina cai.

As pastorinhas fecham sobre ela, não para encobrir o crime que era falso, mas para cobrir Ursulina que tombara descomposta. Aplausos na assistência. Surge o anjo de cachos, veemente, com duas asas enormes que a custo o deixam sair do alçapão.

Ressuscita a menina e ordena: "todo o mundo para Belém adorar Jesus nascido".

¹ Transcrição do livro *Waldemar Henrique SÓ DEUS SABE PORQUE*, uma seleta de textos e fotobiografia organizada por Sebastião Godinho, publicada em 1989 pelo governo do Estado do Pará/ Secretaria de Estado da Cultura, com execução gráfica da Falângola Editora.
² *Waldemar Henrique*, maestro e compositor paraense morto em 1965, autor de *Tamba-Tajá*, *Urupuru*, *Boi-Bmbá*, entre outros; foi o tema do número 1 da Revista *Asas da Palavra*, lançada em fevereiro de 1995.



Waldemar Henrique, em foto de Luiz Braga